



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**A VIA DA IRONIA COMO RESISTÊNCIA: AS REPRESENTAÇÕES
DO “SER MULHER” EM NIKETCHE, DE PAULINA CHIZIANE**

Isabella Baltazar¹

Resumo: Paulina Chiziane publica “Niketche: uma história de poligamia” em 2002, isto é, em um contexto de pós-colonialidade de Moçambique. Buscaremos atentar para os caminhos por onde passam as representações e encenações do “ser mulher” por Chiziane, que notadamente se dá pela via do deboche e da ironia. A abordagem das autoras africanas contemporâneas sobre a situação da mulher edifica projetos descoloniais, desconstruindo ambiências predominantemente patriarcais e agem em favor da luta anti-colonial.

Palavras-chave: Niketche. Literatura africana. Paulina Chiziane.

¹ Mestre e doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: baltazarisabella@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A representação, a autoria e a autoridade de Chiziane

|

De acordo com o que propõe, a teoria mimética é a imitação da realidade. Nos vastos campos da Literatura, Barthes constata, porém, que esta nunca conseguirá obter o feito de representação do real. Mas é a partir desse empenho que se manifesta e exerce os mecanismos da mimese.

Desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável – mas somente demonstrável – pode ser dito de vários modos: quer o definamos, como Lacan, como o impossível, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem) (BARTHES, 1978, p. 21).

É na mimese que se baseia qualquer que seja uma obra literária, isto é, a partir da apreensão de uma realidade feita pelo escritor (autor, artista) que se dá sua força. Sendo assim, autores da linha dos estudos miméticos indicam que a única forma de se aproximar do real é por meio dessas representações.

A partir dessa premissa podemos entender que é da realidade que se extrai os elementos da criação ficcional. Dessa forma, o material literário terá sempre ligação com o real. A Literatura, mesmo colocando em questão a condição real – no momento em que faz ficção – tem discurso fixado na realidade. Esse jogo de “é, mas pode não ser”, leva Barthes (1978, p.16) a chamar de “trapaça magnífica” contra a língua, uma vez que a posiciona *fora do poder*, em uma “revolução permanente da linguagem” que ao fim ele chama de Literatura.

É Platão que inicialmente coloca os estudos da mimese em evidência em *A República*. Ele posiciona a mimese como pura e simples imitação, e por isso algo



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

não verdadeiro. Aristóteles, por sua vez, em *Poética*, toma a teoria de Platão e acrescenta as questões de criação e recriação ao conceito de mimese. Para ele, as construções ficcionais – seus métodos, gêneros e todas as outras características – podem se dar das mais variadas formas em consonância da qualidade artística de seu “criador”.

Aristóteles vai além para posicionar o efeito mimético da obra em íntima ligação com a recepção daquele que a apanha. O aporte circunstancial, isto é, cenários históricos, referências pessoais, são essenciais no construto que se dará na recepção de cada leitor. O estudioso lembra que o êxito da imitação se encontra exatamente no reconhecimento e familiaridade do elemento que fora imitado. Os aspectos externos, de acordo com Luiz Costa Lima (2003), exercem papel importante na compreensão do texto/discurso, inculcando ao leitor função ativa na recepção.

O próprio da mimesis da produção é provocar o alargamento do real; ou melhor o que seria tomando como limite entre o possível e o impossível – como a impressão despertada pelo jogo de luzes e sombras – como um possível atualizado. Em suma o produto rebelde às representações, à aplicação da ideia de Ser, continua a ser um produto mimético se só é capaz de funcionar pela participação ativa do leitor (COSTA LIMA, 2003, p. 181).

São os cenários históricos moçambicanos representados por Paulina Chiziane em *Niketche: uma história de poligamia*, sobretudo a situação da mulher, que serão basilares às leituras que faremos a seguir.

II

Quanto às questões pertinentes à autoria – em particular a “paratopia” – nos encaminhamos para o entendimento das correlações entre as questões da autoria e das cenas enunciativas, o que nos leva às questões das formas discursivas de produção de sentido e de recepção. Nesse esforço, a proposta é destacar a questão autoral como diretamente ligada à leitura e recepção do texto Chiziane.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Ao longo da obra estudada neste trabalho, observamos a ironia como figura de linguagem recorrentemente utilizada.

A intenção é reconhecer e analisar as afinidades das paratopias e dispositivos enunciativos (bem como a relação com os enunciatários), basilares suportes à Análise de Discurso, sobretudo a de linha francesa. Dessa forma, há que se concluir que as enunciações evidenciadas desencadeiam, dentro do gênero discursivo e textual, bases para o entendimento da multiface paratópica histórica/literária de Paulina Chiziane.

Em *O contexto da obra literária* (1995), Maingueneau apresenta o paradoxo de “um lugar e um não lugar” do discurso, sobretudo na seara literária. O autor assim explica:

A pertinência ao campo literário não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la paratopia (MAINGUENEAU, 1995, p. 28).

A paratopia está direta e intimamente ligada a temas arraigados à enunciação. Dessa forma, refere-se aos aspectos de onde é que surge o discurso e para onde “vai”, isto é, seu enunciatário. Portanto, ela aponta quem diz, quando diz e para quem diz, isto é, as vias pertinentes à enunciação. É responsável por portar o “cerne” do que está sendo enunciado.

A enunciação literária questiona a representação comum do campo (lugar). Isso porque o discurso literário se constrói no limiar desse lugar, entre o dentro e o fora, porque está diretamente ligada a realidade (fora) e, por mais que esteja inserido na sociedade, não se mixa a ela. A proposta paratópica de Maingueneau (2012) reflete sobre a condição do autor diante de sua relação com a sociedade e a atividade literária, isto é, a circunstância e a elaboração de uma obra. Seus estudos emergem para ocuparem uma lacuna da análise literária que se atinha a apenas dois aspectos: a relação da obra com o seu tempo, ou seja, há um



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

destaque para a característica histórica literária; e o elo direto da criação com o autor, elevando o aspecto estilístico da obra.

Maingueneau (2012) sugere uma paratopia que tem como base o tripé: “pessoa”, “escritor” e “inscritor”, que formam, juntos, a composição autoral, destacando dessa forma a figura do autor como essencial.

Sobre os procedimentos autorais, técnicas e estilo de produção, Maingueneau (2012) os classifica como “ritos genéticos”. O autor entende que essas características não estão ligadas exatamente à escritura por si só, mas sim à estrutura e à produção de sentido. Em *Gênese dos Discursos*, discorre sobre o assunto dizendo que

Mesmo que cada escritor tenha uma maneira única de fabricar seus textos, isso não impede que, em suas grandes linhas, essa maneira seja implicitamente condicionada pelo estatuto do discurso literário de um momento e para uma sociedade dados, assim como pela “escola” à qual, querendo ou não, ele se vincula. Não há incompatibilidade entre ritos pessoais e ritos “impostos” por um pertencimento institucional e discursivo (MAINGUENEAU, 2005, p.139).

III

Sobre a figura do enunciador, Gregolin explica que “os sujeitos que pronunciam um discurso são cercados por regras que envolvem o ritual, as sociedades de discurso, as doutrinas e as apropriações sociais do discurso” (GREGOLIN, 2007, p. 111). A posição de onde o discurso surge e a maneira com a qual ele é enunciado estão diretamente ligadas à sua cena de enunciação. Esses detalhes, por seu turno, são determinantes e conscientes da forma como se dará seu sentido e sua recepção como projeção da intencionalidade autoral. Maingueneau (2012, p 135) explica que na constituição de uma cena enunciativa “a legitimação do dispositivo institucional, os conteúdos manifestos e a relação interlocutiva se entrelaçam e se sustentam mutuamente”. Muito mais do que se relacionar com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

aspectos históricos e/ou acontecimentos pontuais, essa cena evidencia entremeios multidisciplinares, que vão além de contextos rasos de determinado discurso.

De acordo com os estudos de Foucault (2007), qualquer discurso está ligado a contextos e a circunstâncias que o agregam um aspecto construtivo único, porém, correlativo. Dessa forma, um enunciado está sempre associado a outros enunciados, margeado por enunciados anteriores e iminentes réplicas: “Um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (2007a, p. 110), alternativos, possível, hipotéticos.

Dito isso, a cena enunciativa está ligada a um ambiente dotado de espaço, tempo, um enunciador e uma figura que recebe o discurso. A legitimação do discurso só se dá quando a enunciação acontece e encontra sentido em quem o recebe. Bakhtin (2002) revela a ligação íntima da cena com o discurso quando parecia a obra de um autor ao seu contexto histórico. Para o autor, essa soma faz parte da formação do discurso:

A *doxa* advinda da estética romântica privilegia a singularidade do criador e minimiza o papel dos destinatários, bem como o caráter institucional do exercício da literatura, sendo a instituição na maioria das vezes considerada um universo hostil à criação. É a própria estrutura do ato de comunicação literária que se vê negada dessa maneira. Contudo, para produzir enunciados reconhecidos como literários, é preciso apresentar-se como escritor, definir-se com relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição. Claro que muitos escritores, e não os menos importantes, retiram-se para o deserto, recusando todo pertencimento à “vida literária”; mas seu afastamento só tem sentido no âmbito do espaço literário a partir do qual eles adquirem sua identidade: a fuga para o deserto é um dos gestos prototípicos que legitimam o produtor de um texto constituinte. Eles não podem situar-se no exterior de um campo



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

literário, que, seja como for, vive do fato de não ter um verdadeiro lugar (MAINGUENEAU, 2012, p. 89).

No que tange o texto de *Niketche*, Chiziane, enquanto autoridade literária capaz de tocar a realidade social que a cerca, apreendê-la e transformá-la em literatura (ficção), enquanto enunciativa, é dotada de crédito e autoridade para manter sua influência coletiva. Maingueneau lembra que “qualquer texto é uma negociação sutil entre a necessidade de ser compreendido e a de ser incompreendido, de ser cooperativo e desestabilizar de um modo ou de outro os automatismos de leitura” (MAINGUENEAU, 1996, p. 42).

Denúncia, ironia e resistência

Negar não é gritar: é olhar a lei, mudar a lei e desafiar a religião e introduzir mudanças, dizer não à filosofia dos outros
(CHIZIANE, 2004, p. 93)

A dinâmica da discursividade da literatura africana muito tem a ver com a relação com que os escritores/artistas têm com suas origens – fato que se confirma na revisitação de suas memórias, como outrora faziam os contadores – o que garante, de certa forma, a tradição da oralidade.

A arte de narrar dos mais velhos – os mitos, as lendas, os provérbios e as histórias em geral –, só é recuperada pela ficção, poesia ou teatro por meio de mecanismos, isto é, técnicas de recriação, geradoras da reflexão sobre o próprio ato de narrar, poetizar, encenar. Tal encenação, presente em todas as formas de expressões artísticas africanas constitui a estética fundadora das modernas literaturas africanas de língua portuguesa (OLIVEIRA, 2006, p. 10).

A produção de mulheres na literatura africana se encontra no grande movimento de luta e resistência do moçambicano outrora colonizado, agora independente. Dessa forma, essas mulheres encaram não só um ambiente de anti-colonialismo, mas também um ambiente anti-patriarcal. Esses projetos não só contribuem para



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

a consistência literária de um país, mas também como importante agente político no confronto/resistência com o colonizador.

Em *Niketche: uma história de poligamia* há um discurso transgressor pulsante ao longo de toda a obra: Paulina Chiziane conhece sua realidade e quer denunciá-la. Mais do que isso, ao reconhecer as dificuldades de lutar contra sistemas hegemônicos, Chiziane se utiliza de recursos linguísticos como a ironia e o deboche para expor sua crítica social. A escritora nasce em período colonial e tem sua produção literária em ascensão em um país independente, isto é, em período pós-colonial. O discurso de Chiziane é desvelado sem meios-termos: a narrativa tem mulheres no poder.

O romance traz Rami (Rosa Maria, moçambicana) como narradora-protagonista. Casada há 20 anos com Tony ([“Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm {...} Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo {...} [CHIZIANE, 2004, p. 14]), descobre estar, na verdade, em um casamento polígamo. O ambiente evidencia uma troca de vivências na qual há uma constante discussão sobre diferenças.

É a partir de um enredo guiado por Rami que passamos a conhecer uma imbricada realidade social moçambicana. As regiões norte e sul são marcadamente distintas, sendo a última a ter características eurocêntricas mais evidentes. É Rami que irá personificar a dicotomia tão presente ao longo das páginas: a tradição e a modernidade. Situada nesse entre-lugar, a personagem passa por uma transformação de sua vida – que sai da inércia da crença em um casamento perfeito, para a busca das outras supostas esposas de seu marido. E as encontra.

São outras quatro mulheres. Estão espalhadas pelo país cujas diferenças regionais são gritantes. Apesar de terem nome, não há nas linhas escritas por Chiziane profundas caracterizações das personagens. Entendemos que todas podem ser “iguais”, já que se encontram na mesma situação de sujeição. Em determinado momento de sua vivência, Rami passa a ter as supostas rivais como irmãs:



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se Luísa, e desejada no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente há Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso (CHIZIANE, 2004, p. 58).

Ensina-lhes que o trabalho é um meio legítimo de independência e, juntas, descobrem aptidões que as fazem vislumbrar uma razão para seguir em frente/lutar.

Em vários momentos são feitas comparações entre as mulheres da região norte e da região sul. Mesmo que todas estejam na mesma situação de silenciamento e sujeição perante o homem: “No sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo, condenadas a morrer sem saber o que é amor e vida” (CHIZIANE, 2004, p. 175). Há, ali, um tom de revolta.

As mães eram responsáveis por passar os ensinamentos de como idealmente deveria se portar/ser uma mulher. Em uma passagem, Rami deposita na mãe suas supostas falhas de beleza:

O que acha do meu peso, mãe? Devo emagrecer como essa Julieta? Isso também é fácil, posso corrigir o corpo com massagens e ginástica aeróbica. Mas tenho medo de emagrecer. Os homens pretos gostam de mulheres rechonchudas, com almofadas para frente, almofadas para trás, assim como eu. É verdade, mãe, essas mulheres todas prendem o Tony com encantos mágicos que não tenho. Por que não me fizeste mais bonita do que elas, mãe? Por que não me deste lições de amor para viver sem dor, minha mãe? (CHIZIANE, 2004, p. 99).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Precursora dos estudos das teorias feministas, a intelectual/filósofa Simone de Beauvoir pensa o ser humano a partir de sua existência, ou seja, sua presença no mundo. Dessa forma, ela afirma que não há essência anterior à existência. Sua obra mais relevante, *O segundo sexo* é considerado um marco no avanço teórico pontual do existencialismo.

A autora evidencia que é possível atribuir novos significados aos símbolos e aos costumes que tendem reforçar essências femininas, o que proporcionaria a deflagração da liberdade inerente à existência da mulher.

Condenando o essencialismo, Beauvoir defende a ideia de que os indivíduos nascem crus e mais tarde suas escolhas são tomadas a partir de uma socialização imposta pelo desenvolvimento cidadão. Ela aponta os costumes e tradições como mitos, cuja força motriz está na reprodução que a mulher faz dessa própria essência “do que é ser mulher” e o “eterno” feminino como o único destino final. Encarnando esses mitos, ela se posiciona como o “outro” sexo.

Na obra, Beauvoir descreve uma ambiência em que os homens são cada vez mais capazes de transcender sua existência e poder de ação (autoridade socialmente assegurada), em detrimento da mulher que está fadada ao matrimônio e a maternidade.

Apesar de ser mulher e entender sua condição na sociedade, Rami entende o cenário à sua volta: “Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar” (CHIZIANE, 2004, p. 92). Rami vê na sua experiência com a poligamia exatamente o oposto daquilo que seus ancestrais ensinaram: essa situação só a faz sofrer.

Em um movimento ousado, Chiziane confronta as tradições religiosas questionando as ações que privilegiam os homens:

No regime cristão, as mulheres são educadas para respeitar um só rei, um deus, um amor, uma família, por que é que vão exigir que aceitemos o que neles conseguem negar? (CHIZIANE, 2004, p. 93).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

E a crítica segue com a encenação de uma situação pouco provável na realidade (não ficção) daquele lugar:

– É verdade que reuniste todas as mulheres, à vista de toda a gente? – Sim. – Graças a Deus! Não foi só a tua vontade, minha vontade, Rami. Os antepassados guiaram os teus passos para a reunião da grande família, no grande dia. És uma grande mulher (CHIZIANE, 2004, p. 114).

As situações nas quais Chiziane articula suas personagens muitas vezes beiram a utopia, mas é exatamente por essa via que se dá sua crítica. Observamos encenações de vivências que, por quase tocarem o absurdo naquele lugar, apontam a consciência plena da autora na abordagem de assuntos tabus em seu país de origem. Confrontando normas, religiões e tradições, a autora alicerça sua pensamento de um cenário que detrimenta a mulher e a condiciona à sua suposta essência. O esforço da autora se dá na tentativa de desconstrução dos modelos ideias que suas personagens mulheres refutam.

Referências

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leila Perrone Moisés. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COSTA LIMA, Luiz. **Mimesis e modernidade: formas de sombra** 2. ed. São Paulo: Graal, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2007.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Tradutor: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. **O contexto da obra literária**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Análise de textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pragmáticas para o discurso literário**. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OLIVEIRA, Jurema José de. **Gêneros literários e tradição oral nas literaturas africanas de língua portuguesa**. In: CaSePEL – Cadernos do Seminário Permanente de Estudos Literários da UERJ – Vol. 2. Número 2. Dezembro de 2006.